

# Corpos das mulheres: territórios ocupados na Faixa de Gaza

MARIA JAQUELINE MAIA PINHEIRO

**Resenha:** SHIBLI, Adania. Detalhe menor. Tradução de Safa Jubram. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2021.

*“Não é o canhão que vence, mas o ser humano” (SHIBLI, 2021)<sup>1</sup>*

No livro *Detalhe menor* (Editoria Todavia), publicado no Brasil em 2021, a autora palestina Adania Shibli descreve, de forma detalhada, um conflito que ocorreu na Faixa de Gaza, no verão de 1949, envolvendo uma jovem beduína e um destacamento do Exército de Israel. O livro tem como tema central pensar como as pautas das mulheres palestinas são dramaticamente diferentes das questões das mulheres além da Faixa de Gaza, não obstante todas as mulheres que vivenciam situações de guerra sofram privações severas, independentemente de suas especificidades geográficas.

O livro ganhou repercussão no final do ano de 2023, devido ao cancelamento do prêmio que lhe seria concedido durante a Feira de Frankfurt, em meio ao contexto da guerra na Faixa de Gaza. Shibli foi acusada, por um artigo publicado em um jornal na Alemanha, de propagar que soldados israelenses se comportavam de forma violenta e que eram estupradores.

A obra traz a história de um conflito de décadas e faz parte de uma literatura bem definida: aquela que apresenta ao leitor uma profunda reflexão, além de uma escrita cheia de detalhes que, aos poucos, transmite ao leitor a sensação de presenciar os

---

1 A autora cita várias vezes essa frase que se encontra “pixada” nos muros em Gaza.

---

**MARIA JAQUELINE MAIA PINHEIRO**

Doutoranda em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará, pesquisando Feminicídios. Mestra em Planejamento e Políticas Públicas pela UECE (2005) e pesquisadora do OBSERVEM.  
E-mail: jaquemapinheiro@gmail.com

fatos relatados. A escritora palestina, nascida em 1974, nos faz ter a necessidade de ler sua narrativa, em um fôlego só, sem ser, entretanto, estereotipada. A autora escreve de forma sofisticada e perturbadora expondo uma problemática que acompanha a história das trajetórias das mulheres, em contexto de guerra ou de paz: a violação de seus corpos.

Estruturado em duas partes, a primeira é narrada em terceira pessoa e esmiúça, de modo peculiar, a geografia local – o deserto, a flora e até alguns animais – para descrever um estupro coletivo de uma jovem, em que os detalhes do fato são descritos, sobretudo, sob o ponto de vista da geografia e das sensações, sem que a autora se posicione no texto. Apresenta, ainda, a dinâmica de um acampamento militar, constituído por soldados, um ano após a Nakba de 1948, e o conflito, logo superado, que acomete um oficial ao decidir, logo no início da captura, proteger uma jovem beduína dos desejos da tropa por ele comandada.

Pouco sabemos quem é a jovem vítima, exceto que seu corpo foi ocupado por invasores, tal como o território palestino. Nos detalhes, percebe-se a destruição da dignidade do corpo da mulher: suas vestes, retiradas; seu banho, vigiado; seu corpo, exposto a muitos olhos de homens; o latido do cão; sons e cheiros. O estupro é um detalhe menor, como se fosse um fato noticiado. Um detalhe menor, em um território de guerra.

Esses fatos – o estupro da jovem sem nome, sem voz e sem vontade e a coincidência da data de sua morte, 9 de agosto de 1949, com a data do nascimento da protagonista narradora – serão os fios condutores que ligará a primeira à segunda parte do livro. E, assombrará a protagonista da parte dois, que decide desvelar quem era a jovem cujo corpo foi enterrado no deserto.

É no acampamento que a escritora palestina detalha, com vigor, minúcias que afetam o leitor como se, ao repetir, em uma cantilena, o sentimento de incômodo provocado pela presença inimiga da jovem mulher. Ao ler, observamos que a presença das mulheres e a facilidade de descartar seus corpos, como se insignificantes fossem, “simples insetos”, acompanham a trajetória das mulheres em diversos territórios, mesmos os ditos democráticos.

Outros livros retratando guerras outras, em diferentes territórios e épocas, a exemplo dos livros das escritoras Svetlana Aleksievitch (2016) e Scholastique Mukasonga (2017), narram o tratamento desumano dados aos corpos das mulheres. Corpos territórios ocupados pelos homens invasores que os utilizam, usando e abusando, tal qual ocorre nos territórios ditos em paz. Não há paz para as mulheres alcançadas pelos feminicídios, cujos corpos, geralmente, são violados de formas diversas com perversidade.

A segunda parte, narrada em primeira pessoa, conta a história de uma mulher que nasceu 25 anos depois do fato narrado na primeira parte do livro – da morte da jovem beduína, após ter seu corpo alimentado a lascívia dos invasores. O contexto, já é escrito em um momento contemporâneo e a autora se apresenta de forma mais posicionada. Essa parte tem início no território ocupado e apresenta aspectos de como a protagonista convive em um contexto de guerra, sendo constantemente vigiada e cerceada de direitos.

A mulher que dá voz à história, embora com a presença constante do medo, da ansiedade e do pânico, já ousa transgredir os limites impostos às pessoas que moram na Faixa de Gaza. Contudo, ao fazê-lo, desliza “para um abismo de angústia” (SHIBLI, 2021, p. 54), de forma que decide permanecer, o tanto possível, nos limites de sua casa – repetindo o padrão imposto a outras tantas mulheres, em guerra ou na paz.

É nessa parte do livro que a autora possibilita perceber que a guerra tem outras faces além das visíveis: a impossibilidade de trafegar; o medo constante; a necessidade de manter a calma perante grupos de soldados armados; as bombas e as faltas.

Shibli, ao escrever sobre um sinete comum às duas protagonistas do livro, permite ao leitor sentir, junto a elas, outras sensações para além do muro dos oprimidos da Faixa de Gaza: o banho demorado, já que não há o controle no consumo de água fora da Faixa de Gaza; o sono sem a perturbação dos barulhos dos ataques das armas de guerra e, até mesmo, o som dos latidos dos cães, que acompanham toda a narrativa.

Adania Shibli, em 107 páginas, em uma escrita descritiva, narrativa e repetitiva, em detalhes de extrema necessidade para o arremate final, permite-nos sentir o medo, a tensão e os cheiros que acompanharam as duas mulheres nos eventos descritos. Esses detalhes menores são talvez somente perceptíveis para uma autora sensível, cuja prosa transita entre o passado e o presente de forma tão dramática e contemporânea, que torna necessário a mulher presente buscar sua ancestral, procurando o que verdadeiramente ocorreu com a moça sem nome, naquele agosto de 1949.

Desse modo, o livro traz o marcador de gênero ao descrever a história de duas mulheres que vivenciam a guerra no mesmo território, em dois momentos históricos divididos pelo tempo e desumanizadas pelo homem agressor. São mulheres sem nomes. São mulheres sem voz e sem direitos. São quaisquer mulheres em um solo de guerra.

Adania Shibli consegue, utilizando um recurso literário, escrever sobre uma guerra onde todos sofrem, morrem e matam, sem nomear sequer um personagem. Seriam todos desumanizados?

## REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços**. 1. ed. São Paulo: Editora Nós, 2017.